



Valter Hugo Mãe, Herdeiro de José Saramago?¹

Valter Hugo Mãe, José Saramago's heir?

Jean Pierre Chauvin²

Para Valter Hugo Mãe

“Eu, Jesus, sou o Lúcifer” (Apocalipse).³

“o maior bem da vida é a morte” (Antônio Vieira).⁴

“[...] a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política” (Herbert Marcuse).⁵

Resumo: Neste artigo propõe-se comparar estilística e formalmente obras de José Saramago e Valter Hugo Mãe, a partir de temas que os escritores abordaram em sua prosa. Para além da discussão em torno da herança legada pelo primeiro, a ênfase recai sobre os pressupostos comuns aos escritores; seus métodos de composição; e os objetivos almejados por seus narradores e personagens, em torno da solidariedade.

Palavras-Chave: José Saramago; Valter Hugo Mãe; Tema; Estilo.

Abstract: In this article, we propose to compare stylistically and formally José Saramago's works with Valter Hugo Mãe's novels, considering themes that both writers addressed in their prose. Beyond the discussion of the inheritance bequeathed by Saramago, we emphasize some assumptions common to the writers, also their methods of composition and their narrators and characters goals toward solidarity.

Keywords: José Saramago; Valter Hugo Mãe; Theme; Style.

Três

Nesta exposição, que não é a de um especialista, mas de leitor que muito aprecia a prosa de José Saramago e Valter Hugo Mãe, proponho-me a responder o mais objetivamente possível a pergunta que vai no título. Seria esse homem de 47 anos um herdeiro daquele falecido aos 88, em 2010? Se sim, o que essa condição implicaria? Propõe-se comparar obras de um e de outro, na tentativa de responder à questão.

Em 2007, o angolano Valter Hugo Mãe foi agraciado com o Prêmio José Saramago, por *O Remorso de Baltazar Serapião*. Na ocasião, Saramago o nomeou “tsunami literário”⁶. Como se sabe, de lá pra cá, os livros de Valter Hugo Mãe foram reeditados no Brasil

¹ Este artigo baseia-se parcialmente em fala apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), em 12 de abril de 2019, a convite de Fátima Bueno – colega do Programa de Pós-Graduação Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa dessa Faculdade.

² Professor da disciplina “A Prosa de José Saramago”, ministrada na Escola de Comunicações e Artes da USP.

³ A citação “extraída da última página do Novo Testamento, traz Jesus que se autodenomina a Estrela Radiosa da Manhã, ou, em Latim, Lúcifer (‘Aquele que traz a luz’, o nome do planeta Vênus quando surge no Leste). É apenas no período pós-bíblico que Lúcifer está associado a Satã, ou que se considera que Satã tenha sido expulso dos Céus antes da criação de Adão e Eva, ou que Satã tenha tido qualquer conexão com Adão e Eva” (KELLY, 2008, p. 9).

⁴ *Sermões de Quarta-Feira de Cinza*, 2016, p. 163.

⁵ *Eros e Civilização*, 1969, p. 23.

⁶ Cf. “Tsunami Literário”. In: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12331_TSUNAMI+LITERARIO – Acesso em 28 de abril de 2019.

pela extinta Cosac Naify; depois, pela Editora 34 e, mais recentemente, pela Biblioteca Azul (selo da Editora Globo). Penso especialmente em três romances de sua autoria: *O Nosso Reino* – título de estreia, publicado em 2004 -, *A Máquina de Fazer Espanhóis*, de 2008, e *O Apocalipse dos Trabalhadores*, de 2010. Neles procuro ver o que sobra, há ou “falta” no que me permito chamar provisoriamente de “dicção saramaguiana”.

Cumprido dizer que, a princípio, não estava claro porque abordaria esses três romances de Valter Hugo Mãe. Eis que um breve autoexame faz perceber a motivação inicial: as histórias em questão foram narradas por pessoas em idades diferentes: o narrador-menino de *O nosso reino*; a adulta ingênua de *O Apocalipse dos Trabalhadores*; os velhos a remoer o pretérito de *A máquina de fazer espanhóis*. A segunda razão é que os livros abordam temas caros à humanidade: a representação de deus e do diabo, no primeiro; a exploração patronal, no segundo; a perda de si mesmo perante a (in)consciência da ditadura salazarista, no terceiro. Não serão causas menores que tantas outras que aí estão a fazer milhares de assinantes de *youtubers*, pretensos sábios da era digital.

Haverá algo mais tocante que perceber o mundo provinciano pelo olhar de uma criança, a assenhorar-se do “bem” em uma narrativa em primeira pessoa? O que pode ser mais trágico que a punição de uma mulher humilde e inocente, que vive a justificar os atos questionáveis de seu patrão, a confundir patronato, postura de classe com proteção pessoal? Como entender o que se passa na velhice, quando ainda não se acercou totalmente dela?

Para fazer valer o rascunho, recorro a alguma prosa de José - maiormente os romances que parecem ligar-se temática, estilística e formalmente àqueles produzidos pelo escritor mais jovem, como *Memorial do Convento*, de 1982; *História do Cerco de Lisboa*, de 1989; *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de 1991; e *Ensaio sobre a Cegueira*, publicado em 1995. A ideia é convidar os leitores a estabelecer paralelos ideológicos e estéticos entre determinados critérios empregados por um e outro. Entram nessa perspectiva os temas abordados; a pontuação, o modo de esticar ou encurtar as frases, a divisão da fábula em capítulos etc. Interessa, em particular, comparar a maneira como as personagens de um e outro conduzem diálogos. Parecem ser ingredientes promissores. Vamos a eles.

Legião

Em *Uma História do Diabo*, Robert Muchembled nos ensinou que a figura demoníaca é uma invenção criada ao final da Idade Média. Entre os séculos XII e XIII, a Igreja sentiu necessidade de dar “materialidade”, forma visual aos retalhos anunciados por povos e tribos de diversas partes da Europa:

Satã surge com toda a força em um momento tardio da cultura ocidental. Elementos heterogêneos da imagem demoníaca existiam há muito, mas é somente por volta do século XII, ou do século XIII, que eles vêm a assumir um lugar de decisivo nas representações e nas práticas, antes de desenvolver um imaginário terrível e obsessivo no final da Idade Média (MUCHEMBLED, 2001, p. 18).

Nesse sentido, o diabo que julgamos conhecer e profanar hoje tanto tem elementos do *Satyros*⁷ grego, quanto do folclore medieval anti-bruxesco, cultivado por doutos e

⁷ “Os Sátiros, também chamados ‘Silenos’, são gênios da natureza que foram incorporados no cortejo de Dioniso. Eram representados de diferentes maneiras: umas vezes, a parte inferior do corpo era a de um cavalo, e a superior, a partir da cintura, a de um homem; outras vezes, a sua parte animal era a de um bode. Num e noutro caso, eram dotados de uma grande cauda, abundante, semelhante à de um cavalo, e

outros entendidos e, também, pelas normas heréticas reformuladas pelo Concílio de Trento (1545-1563), entre 1545 e 1563. As datas sinalizam para outro dado histórico: em Portugal, a Inquisição foi estabelecida em 1536 e durou, com castigos arbitrários e quase sempre criativos, até 1821, como mostrou Alexandre Herculano.

Como resistir ao pensamento unilateral que discrimina todos os seres ditos humanos entre “bons” e “maus”? Nada mais eficaz que fazer do Diabo personagem central de um romance, como foi acontece no *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, publicado em 1991, que esteve no cerne da rediscussão da milenar hipocrisia portuguesa e envolveu ilustres membros da Câmara de Deputados por lá.

No romance, que também é ensaio e figura uma exegese bíblica, por assim dizer subversiva, Diabo assume as várias formas, porque é legião, como ensina o livro do *Apocalipse: Arcanjo, Mendigo, Pastor*.⁸ Aqui valeria a pena resgatar a hipótese de Vilém Flusser (2008), de que Deus criou o tempo; mas foi o Diabo deu feição histórica à cronologia. A respeito da caracterização do Demônio, Joan O’Grady observou que:

A imagem do Diabo que estamos mais acostumados a ver mostra uma criatura peluda que tem a aparência de um bode, dotada inclusive de chifres e rabo. Os cabritos podem ser considerados como animais muito úteis, mas as imagens de “cabritos e ovelhas” foram usadas no Novo Testamento para diferenciar os fiéis seguidores de Cristo e os infiéis. Assim, já se faziam associações pouco agradáveis sobre os bodes quando se descobriu que esse animal estava vinculado às divindades adoradas pelos pagãos. Foi principalmente a partir dessas divindades pagãs que o Diabo recebeu sua forma e atributos tradicionais. E, dentre todas, a imagem que mais influência teve na concepção do Diabo foi o deus grego Pã (O’GRADY, 1991, pp. 58-59).

Em *O Nosso Reino*, publicado quinze anos após *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, o diabo parece assumir forma humana no “homem mais triste do mundo”, acompanhado ou não do “cão”; ou naquele empregado da família, que vivia a encarar o narrador do romance. Terá sido Lúcifer, o coisa ruim, um diabo ou anjo qualquer a embalar o salto do menino para a morte? Teria sido Deus ou Belzebu a salvá-lo? Eis uma questão que diz mais respeito à crença que à procura vã pela verdade metafísica. Isso talvez explique que da narrativa saltem dúvidas como esta, no relato do pequeno e bom Benjamim: “deus pode ter feito angola sem saber, por isso a ignorava” (MÃE, 2016, p. 45).

A seu turno, na obra de José Saramago o diabo transforma-se em figura central da narrativa e sua presença é tão ou mais marcante que a figuração de deus, no *Evangelho* particular concebido pelo escritor:

O primeiro pastor avançou e disse, Com estas minhas mãos mungi as minhas ovelhas e recolhi o leite delas. Maria, abrindo os olhos, sorriu. Adiantou-se o segundo pastor e disse, por sua vez, Com estas minhas mãos trabalhei o leite e fabriquei o queijo. Maria acenou com a cabeça e voltou a sorrir. Então, o terceiro pastor chegou-se para diante, num momento pareceu que enchia a cova com a sua grande estatura, e disse, mas não olhava nem o pai nem a mãe da criança nascida, Com estas minhas mãos amassei este pão que te trago, com o fogo que só dentro da terra há o cozi. E Maria soube quem ele era (SARAMAGO, 2000, p. 84).

de um membro viril sempre ereto e de proporções sobre-humanas. [...] Pouco a pouco, vai-se atenuando, nas representações, o caráter bestial do seu aspecto” (GRIMAL, 2005, p. 413 – *grifo meu*).

⁸ “Antes do final da Idade Média o diabo tem no nome a variedade. O fluxo unificador do cristianismo incorpora múltiplos elementos estrangeiros, cuja origem histórica e geográfica exata é, em geral, impossível de ser detectada. A explicação segundo a qual o Maligno é capaz de transformar-se em qualquer outra coisa revela-se um tanto insuficiente. Pode-se falar, mais corretamente, de uma luta milenar do cristianismo contra as crenças e práticas pagãs, das quais certos núcleos duros resistem a uma destruição total, mas são lentamente assimilados, recobertos com um novo véu, reorientados para um contexto diferente, conservando seu particular poder de evocação” (MUCHEMBLED, 2001, p. 25).

Se estivesse vivo, o que diria Saramago diante da tragédia provocada pelo “ciclone tropical” Idai? Reedição de Sodoma e Gomorra? Quem punirá os exploradores do continente africano? Quando será construída a nova Arca de Noé, a proteger Angolanos, Moçambicanos, Caboverdianos da fúria de Deus e do desinteresse dos homens, feitos à sua imagem e semelhança? Como sabemos, a besta é “legião” e suas formas são várias. Por isso mesmo, tão ou mais assustador que os homens de má feição, no romance de Valter Hugo Mãe, é o padre Filipe - em palavra e ação, neste episódio do segundo capítulo:

já tenho ouvido dizer coisas de ti, rapaz. parece que estás a pecar contra deus e que andas a aterrorizar as pessoas com mentiras muito graves, estarás possuído pelo diabo. que o diabo vem de muitas formas e tem rostos sem fim, pode parecer-se até com uma criança, sabias, rapaz. é preciso muito mais do que uma tentativa de suicídio para chegar a deus, e quer-me parecer que tu estás a caminhar passos largos para o inferno.

ergui-me lentamente, como a descolar o corpo do chão sujo da sacristia, baixei os olhos vulnerável e talvez por isso, sem dizer palavra, justificar-me, suplicar ou fugir, o padre filipe tenha roncado um grito surdo e espalmado a mão na minha face com força bruta (MÃE, 2016, p. 42).

O tom de Filipe é inquisitorial. E, já que estamos a falar em dogma, moralismo, condenação e fogueira, talvez pudéssemos sugerir a Valter Hugo Mãe que escrevesse um romance, nesses termos, sobre o Brasil, novo *locus* da Torre de Babel, capitaneada não por um deus onipotente, onipresente e onisciente, mas pelos antigos e novos donos do poder, a se espalhar nos jornais e revistas; em assentos do Judiciário; em cadeiras do Legislativo; ou na pena torta do Executivo, que se converteu em poder de executar.

Capazes de superar as distopias literárias mais pungentes, porventura o mundo idílico, para os donos do poder, seja aniquilar os pobres (que eles mesmos criaram), como se se tratasse de excrescências do sistema que aqueles defendem. A violência não afeta exclusivamente o corpo; há que se exterminar todos aqueles que ainda pensam diferente e têm a impensável, a imprevisível, a injustificável capacidade de defender a causa dos outros como se sua fosse.

Lirismo

A certa altura da segunda parte do *Dom Quixote*, o herói cervantino declara ao escudeiro Sancho que “o amor e o poder” seriam “as maiores forças da Terra”. Um exame do que se escrevera antes, e se produziu depois, confirmaria a contundência dessa afirmação. Relembro que o mito de *Eros* e *Tanatos* está nos mitos greco-latinos; no cancionero medieval; nas novelas de cavalaria; no romance dito moderno; nos ensaios de Freud; na literatura “contemporânea”. Não poderíamos esperar algo muito diferente, maiormente na produção de dois escritores que reconheciam a importância do amor como antídoto contra o utilitarismo e a vida previsível que caracteriza o nosso tempo.

Uma das cenas mais tocantes de *O Nosso Reino* é o diálogo entre Benjamim e Germana, à beira-mar. Convicto de sua santidade, o garoto confessara ter colocado “a mão entre as pernas” e ter pensado nela e “em como as pessoas que se casam se tocam”. A reação da menina não poderia ser outra: “sorriu corando e não [o] levou a mal, disse que quando é por amor essas coisas fazem-se”. Esse diálogo entre as crianças mal nos prepara para o que vem a seguir:

ela tirou-me o bloco da mão e escreveu o seu nome ao pé do meu. arranquei a folha e dei-lha, não fossem os meus pais ver o que dizia. parecia que estávamos a casar-nos, e as crianças não se casam, és doida. depois fez um coração na areia e pôs-se dentro dele sentada, obrigou-me a ficar sentada também, ao seu lado, e disse, agora acho o mar ainda mais bonito (MÃE, 2016, p. 115).

Para quem está a ler as obras de Valter Hugo Mãe, também como intertexto saramaguiano, talvez o episódio só encontre paralelo com a cena da união entre Baltasar Sete-Sóis e Blimunda: ponto alto do *Memorial do Convento*, publicado vinte e dois anos antes:

Baltasar Mateus, o Sete-Sóis, está calado, apenas olha fixamente Blimunda, e de cada vez que ela o olha a ele sente um aperto na boca do estômago, porque olhos como estes nunca se viram, claros de cinzento, ou verde, ou azul, que com a luz de fora variam ou o pensamento de dentro, e às vezes tornam-se negros noturnos ou brancos brilhantes como lasca de carvão de pedra. Veio a esta casa não porque lhe dissessem que viesse, mas Blimunda perguntara-lhe que nome tinha e ele respondera, não era necessária melhor razão (SARAMAGO, 1989, p. 55).

Há milênios supõe-se que o amor se contraponha ao poder e funcione como o antídoto mais eficaz contra a morte em vida, a que também chamamos tédio. Resta saber se o amor terreno pode mais que a ira de Deus, como se lê no castigo à cidade de Jerusalém, no livro de Ezequiel: “Velhos, moços, virgens, crianças, mulheres, matai-os, entregai-os ao exterminador” (BÍBLIA, 2015, p. 1491). É tentador ver a destruição da vila onde moram as personagens de *O Nosso Reino* como uma espécie de castigo divino pelos pecados lá praticados. Seria por justiça divina ou capricho de Deus que Benjamim, filho do adultério, tencionasse ser um santo?

Patronato

Salvo honrosas exceções (que desconheço), um patrão pode sintetizar as muitas formas do Diabo, ainda que fale imbuído da crença de agir como “homem de bem”, seja em nome de Deus, seja dos valores da família, seja e em defesa do país, da economia furada e da tradição mais abstrata. Começo por lembrar, com Marilena Chaui, que a palavra “pátria”

[...] deriva de um vocábulo latino, *pater*, pai. Não se trata, porém do pai como genitor de seus filhos – neste caso, usava-se, *genitor* –, mas de uma figura jurídica, definida pelo antigo direito romano. *Pater* é o senhor, o chefe, que tem a propriedade privada absoluta e incondicional da terra e de tudo o que nela existe, isto é, plantações, gado, edifícios (“pai” é o dono do *patrimonium*), e o senhor, cuja vontade pessoal é lei, tendo o poder de vida e morte sobre todos os que formam seu domínio (CHAUÍ, 2001, p. 15).

Para além dos traços estilísticos em comum, duas são as posturas dos empregados em *História do Cerco de Lisboa* (publicado em 1989) e *O apocalipse dos trabalhadores*, editado quase vinte anos depois. No romance de José Saramago, o revisor Raimundo resiste com a maior tranquilidade possível à fúria superior dos editores para quem costuma prestar serviço:

Ia a manhã em meio quando o telefone tocou. Era da editora, queriam saber notícias sobre o andamento da revisão, quem começou por falar foi a Mónica, da Produção, que tem, como todos os que trabalham nesse sector, o hábito da menção majestática, assim, Senhor Silva, disse, a Produção pergunta, parece que estamos a ouvir, Sua Alteza Real quer saber, e repete como os arautos repetiam, A Produção pergunta pelas provas, se falta muito para entregá-las, mas ela, a Mónica, ainda não percebeu, depois de tanto tempo de vida em parte comum, que Raimundo Silva detesta que lhe chamem Silva sem mais nada, não que o aborreça a vulgaridade do nome, que anda pela dos Santos e Sousas, mas porque lhe faz falta o Raimundo, por isso respondeu, seco, ferindo injustamente a pessoa delicada que Mónica é, Diga lá que amanhã está pronto o trabalho, Eu digo, senhor Silva, eu digo, e mais não acrescentou porque o telefone foi tomado bruscamente por outra pessoa, Fala Costa, Aqui Raimundo Silva, pôde o revisor responder, Já sei, é que as provas preciso ainda hoje [...] (SARAMAGO, 2003, p. 32).

Em *A Máquina de Fazer Espanhóis*, a questão dos sobrenomes reaparece, no diálogo entre os homens no hospital:

[...] o homem interrompeu o silêncio para me explicar que também se chamava silva. cristiano mendes da silva, e eu imediatamente pensei em nós dois como a frente e o verso, eu, antónio jorge da silva, e ele, o silva da europa, o peito inchado de orgulho como se tivesse conquistado tudo sozinho. continuou, somos todos silvas neste país, quase todos. crescemos por aí como mato, é o que é. como as silvas. somos silvestres, disse eu, obrigado a sorrir já como quem suplica uma trégua. exatamente, concordou, assim do mato, grassando pelo terreno fora com cara de gente, mas muito agrestes, sem educação nenhuma (MÃE, 2017b, p. 27).

Já em *O Apocalipse dos Trabalhadores*, a “mulher-a-dias”, Maria da Graça, desejosa de ingressar no plano celestial, supõe gestos bons em tudo o que o patrão, senhor Ferreira (o mais adequado seria chamá-lo de Ferradura) fazia e abusava:

decidira muitas vezes não voltar à casa do maldito. arranjar outra pessoa interessada, que a condição de lá ir quatro dias por semana não lhe trouxera nenhum vínculo jurídico e estava livre para desistir assim que lhe parecesse bem. o senhor ferreira, todo importante e seguro, deixava-lhe as poucas notas em cima do prato à entrada da casa e achava tal fortuna naquilo que nunca acreditaria que a mulher dali arredasse. contava as notas com cautela, não fosse ela julgar que a compensava por algum cuidado ou atenção e ficar à espera do mesmo no mês seguinte. nada disso. as notas eram colocadas no prato depois de conferidas duas ou três vezes, e ficavam ali sob um pisa-papéis de bronze em forma de mão (MÃE, 2017a, p. 22).

Prisão

O encarceramento é outro tema comum à obra de José Saramago e Valter Hugo Mãe. Penso, especialmente, no *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) e em *A Máquina de fazer espanhóis*, publicado vinte anos depois. Ao empreender uma aproximação formal e ideológica dos romances, concentrando-nos no tema da prisão, valeria a pena recorrer aos estudos de Erving Goffman. Para ele, as “instituições totais”, além de “fechadas” para o mundo exterior, funcionam em outra ordem, em que a rotina severa toma o lugar de alguma imprevisibilidade, comum à vida de quem está do lado de fora:

Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes coparticipantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral. O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida (GOFFMAN, 2010, p. 17).

Um dos discursos mais comprometidos ideologicamente, pelo menos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, está em atribuir o sentimento de incompetência e fracasso àqueles que não se adequaram ao ritmo e às crescentes exigências do sistema em que “vivemos”. No plano da instituição prisional, seja ela um antigo manicômio utilizado para cegos abandonados pelo Estado; seja uma casa de repouso para idosos em que os pais são depositados, esse pensamento é verbalizado pelas autoridades. É o militar que vocifera ordens no *Ensaio*; é o funcionário com discurso brando, mas autoritário, da casa de repouso, em *A Máquina*:

o quarto pequeno é todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício. pus-me a olhar para o chão, com ar de entregue, estou entregue, pensei, aos meus pés os dois sacos de roupa e uma enfermeira dizendo coisas simples, convencida de que a idade mental de um idoso é, de facto, igual à de uma criança (MÃE, 2017b, p. 18).

Essa assimetria entre supervisores e internos é reforçada periodicamente por aqueles que detêm o especial poder de manter confinados aqueles que estão, involuntariamente, sob a sua custódia. Em José Saramago, a representação disso se dá na ausência de diálogo entre os militares e os cegos da primeira ala, sujeitos a levar bala caso os comandos sejam mal interpretados:

A decisão de reunir num mesmo local as pessoas afectadas, e, em local próximo, mas separado, as que com elas tiveram algum tipo de contacto, não foi tomada sem séria ponderação. O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações pessoais, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional (SARAMAGO, 2004, p. 50).

Para Erving Goffman (2010, p. 19), essa distância entre comandantes e comandados acontece porque: “Os participantes da equipe dirigente tendem a sentir-se superiores e corretos; os internados tendem, pelo menos sob alguns aspectos, a sentir-se inferiores, fracos censuráveis e culpados”. O fato de os internados ignorarem os procedimentos da instituição e não vislumbrar qualquer perspectiva de melhores dias é um dos sintomas, que se liga diretamente ao modo como são deixados ao vazio das arbitrariedades:

Assim como há restrição de conversa entre as fronteiras, há também restrições à transmissão de informações, sobretudo informação quanto aos planos dos dirigentes para os internados. Geralmente, estes não têm conhecimento das decisões quanto ao seu destino. [...] essa exclusão dá à equipe dirigente uma base específica de distância e controle com relação aos internados (GOFFMAN, 2010, p. 20).

Sempre que o liberalismo econômico avança, a liberdade perde mais um pedaço de seu já reduzido terreno. Os prognósticos de felicidade e harmonia, prometidos pelas superpotências, ao final da Segunda Guerra Mundial, não se realizaram. Descoberta a falácia do racionalismo – aportado, em tese, pelo capital – foi necessário endurecer as condições de sobrevivência através do discurso que desmente a mentira de meio século atrás. Como alerta Byung-Chul Han (2018, p. 11),

O sujeito neoliberal como empreendedor de si mesmo é incapaz de se relacionar *livre de qualquer propósito*. Entre empreendedores não surge amizade desinteressada. Contudo, ser livre significa originalmente *estar com amigos*. Liberdade (*Freiheit*) e amigo (*Freund*) possuem a mesma raiz indoeuropeia. Fundamentalmente, a liberdade é uma *palavra relacional*. [...] O isolamento total para o qual conduz o regime neoliberal não nos torna livres de fato.

E já que mencionamos estados de exceção e protocolos da ordem, vitgentes ontem e hoje, nada mais oportuno que evocar a figura nefasta de Salazar, que se faz ouvir na obra de ambos os escritores.

Salazares

Deus, Diabo e Patrão podem ser reencontrados difusamente na figura de António de Oliveira Salazar, que foi chefe do governo de Portugal entre 1932 e 1968. É relativamente cômodo reiterar o argumento além-mar de que o salazarismo manteve compromissos fidelíssimos com a ditadura franquista, e reunia traços inegáveis do fascismo de Mussolini e o Nazismo hitlerista.

Talvez seja mais delicado e comprometedor, mesmo na universidade brasileira, abrir os olhos, próprios e alheios, para a aventura irresponsável que foi celebrar o recente golpe político e financeiro no Brasil, articulado desde meados de 2013, e instaurar a

ilógica do desgoverno: espécie de *Muppets Show* do avesso, em que a comédia cedeu lugar à tragédia e o fazer rir foi substituído por celebrar a segurança armada; festejar os anos de chumbo; enaltecer a misoginia; validar a homofobia e a transfobia; criminalizar a descrença em Deus e o cultivo de outros credos e culturas; praticar múltiplas formas de anti-intelectualismo; combater a educação formal; demonizar o ensino libertário legado por Paulo Freire; colocar o maior peso da conta nos mais pobres, em nome da austeridade fiscal etc.

Daí ser ainda mais relevante o papel que nós, alunos, pesquisadores, professores, trabalhadores e pejetas nos vínculos de solidariedade e na formação de gente de melhor qualidade. Não será preciso maior esforço para encontrar, na ficção de Saramago e de Mãe, discursos contrapostos à narrativa da ordem, que ainda reina em Portugal e impera no Brasil, terra dos sem-lei, do latifúndio e dos Bragança. De ambos os bordos do Atlântico, mar que nos divide e reúne, é a literatura, outra vez, que permite desnudar o ridículo de incertas falas, “ordeiras”, “bem-intencionadas” e “éticas”, preenchidas pelo senso comum:

Nesse instante ouviu-se uma voz forte e seca, de alguém, pelo tom, habituado a dar ordens. Vinha de um altifalante fixado por cima da porta por onde tinham entrado. A palavra Atenção foi pronunciada três vezes, depois a voz começou, O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, quando parece verificar-se algo de semelhante a um surto epidémico de cegueira, provisoriamente designado por mal-branco, e desejaria poder contar com o civismo e a colaboração de todos os cidadãos para estancar a propagação do contágio (SARAMAGO, 2004, pp. 49-50)

A contestação da “ordem” estaria relacionada ao ponto de vista do encarcerado?

o lar da feliz idade, assim se chama o matadouro para onde fui metido. que irónico nome e só então me ocupava o pensamento. o esteves sem metafísica ali contente do sentimento tão genuíno e o senhor pereira tão parecido a um amigo e eu a julgar que ia ter um ataque de qualquer coisa, porque aquela novidade era demasiada (MÃE, 2017b, pp. 66-67).

Terá sido a aura “de bem”, ordeira e neo-iluminista, nos moldes de um Salazarismo nos trópicos, aquela que adentrou a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na manhã do dia 28 de março de 2019, para escoltar um aluno sob suspeita de que ele teria cometido crime grave, perante a lei? Que lei? A dos homens? A de Deus, figurado em troncos de árvore? Ou o que resta da constituição de 1988 – quimera de uma jurisprudência que nunca foi exatamente patriótica, justa ou democrática? Haveria que se rediscutir se o dever de proteger o cidadão será a missão de quem o mata.

O Diabo, a maldade, a exploração pelo trabalho, a ideologia do fracasso⁹ embutida na meritocracia, a concepção de pátria entreguista, os labirintos redesenhados pela ordem dos afetos, as disputas pelo poder. Tudo é discurso e imagem. Em que medida a ficção nos separa da realidade ou denuncia os limites cada vez menores dos homens? Poder-se-ia sugerir que a prosa de José Saramago e Valter Hugo Mãe nos ajuda a decodificar essa espécie de purgatório que sofremos, em maior ou menor proporção, na Terra. Porém, não se ignore o fato de que tanto essa camada intermediária entre Céu

⁹ “Se reunirmos o discurso competente da Organização e o discurso competente dos especialistas, veremos que estão construídos para assegurar dois aspectos hoje indissociáveis no modo de produção capitalista: o discurso da Organização afirma que só existe racionalidade nas leis do mercado; o discurso do especialista afirma que só há felicidade na competição e no sucesso de quem a vence” (CHAUI, 2014, p. 58).

e Inferno quanto o Diabo são invenções dos homens que viveram no século XII. De acordo com Jacques LeGoff (2017, p. 199).

[...] o desenvolvimento do século XII é um movimento de expansão geográfica e ideológica; é o grande século das cruzadas. E é também, na própria Cristandade, espiritual e intelectual, com a renovação monástica, da qual os cartuxos, os premonstratenses e sobretudo os cistercienses foram a expressão, com as escolas urbanas, de onde nascem simultaneamente uma nova concepção do saber e dos novos métodos intelectuais: a escolástica. O purgatório é um elemento desta expansão no imaginário social, na geografia do além, na certeza religiosa. Uma peça do sistema. Esta é uma conquista do século XII.

Por essas e tantas outras razões, urge ler e estudar os bons autores. Sob esse aspecto, talvez seja questão de somenos mensurar quanto há de José Saramago em Valter Hugo Mãe, afora o fato de que ambos nos ensinam a ser unidos, coerentes e libertários. Afinal, talvez haja um tema que preceda os demais, na ficção de ambos: a solidariedade, a par com as conquistas democráticas. Atitude maior, ainda mais desejável num mundo em que o outro assumisse devida importância: valor acima do lucro, da concentração de renda, da fé mercenária, do estado de exceção e da gestão exclusivista das pessoas.

Em certa medida, os romancistas de que estivemos a tratar respondem, pelo discurso literário, ao regime de contenções a que nos ensinaram a viver, em nome do progresso, da modernidade e do liberalismo (exclusivamente) econômico, descrito havia décadas por Herbert Marcuse (1969, p. 15):

O que principiou como submissão pela força cedo se converteu em “servidão voluntária”, colaboração em reproduzir uma sociedade que tornou a servidão cada vez mais compensadora e agradável ao paladar. A reprodução, maior e melhor, dos mesmos sistemas de vida passou a significar, ainda mais nítida e conscientemente, o fechamento daqueles outros sistemas possíveis de vida que poderiam extinguir servos e senhores, assim como a produtividade de repressão. Hoje em dia, essa união de liberdade e servidão tornou-se “natural” e um veículo do progresso. A prosperidade apresenta-se, cada vez mais, como um pré-requisito e um produto marginal de uma produtividade autoimpulsionada, em constante busca de novas saídas para o consumo e a destruição, no espaço exterior e interior, embora seja impedida de “extravasar” nas áreas de miséria.

Nesta neocolônia, suposta terra de Jesus, (o) Diabo – se houvesse –, perderia feio para muitos homens de paletó e gravata que se especializaram em massacrar o povo, enquanto protegem os ricos; empunham a bandeira nacional, deixando o espírito e as contas em Miami; confundem liberalismo econômico com aprisionamento das formas básicas de vida; interditam o discurso “ideológico”, enquanto doutrinam em favor da ilógica e bruxuleante chama do mercado. Evidentemente, essas atitudes têm a sua “razão” de ser: “É a exploração da liberdade que produz o maior lucro” (HAN, 2018, p. 12).

Bibliografia

- BÍBLIA de Jerusalém.** 1ª ed; 10ª reimp. [Vários Tradutores]. São Paulo: Paulus, 2015, p. 1491.
- CHAUI, Marilena. **A ideologia da competência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Belo Horizonte: Autêntica, 2014 (org. André Rocha).
- _____. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CONCÍLIO Ecumênico de Trento (1545-1563) –** Contra as Inovações Doutrinárias dos Protestantes. Petrópolis: Vozes, 1953.
- Vilém Flusser. **A História do Diabo.** São Paulo: Annablume, 2008.

- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. 5ª ed. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Trad. Maurício Liesen. Belo Horizonte; Veneza: Âyiné, 2018.
- KELLY, Henry Ansgar. **Satã: uma biografia**. Trad. Renato Rezende. São Paulo: Globo, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MÃE, Valter Hugo. **O Apocalipse dos Trabalhadores**. 2ª ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017a.
- _____. **A Máquina de Fazer Espanhóis**. 2ª ed; 2ª reimp. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017b.
- _____. **O Nosso Reino**. 2ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2016.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 4ª ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo: séculos XII – XX**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- O'GRADY, Joan. **Satã: o príncipe das trevas**. Trad. José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercury, 1991.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. 31ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **História do Cerco de Lisboa**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- _____. **O Evangelho segundo Jesus Cristo (Romance)**. 25ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.
- _____. **Memorial do Convento**. 8ª ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.
- SESC. Tsunami Literário. In: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12331_TSUNAMI+LITERARIO – Acesso em 28 de abril de 2019.
- VIEIRA, Antônio. **Sermões de Quarta-Feira de Cinza**. Campinas: Editora Unicamp, 2016 [org. e introd. de Alcir Pécora].